



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM LETRAS**

**ROBSON SILVA RIBEIRO**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUAS A ALUNOS SURDOS  
DO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCACIONAL  
INCLUSIVA**

**GUARABIRA - PB  
2014**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUAS A ALUNOS SURDOS  
DO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCACIONAL  
INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador (a): Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho

R484d Ribeiro, Robson Silva  
Dificuldades no processo de ensino de línguas a alunos surdos  
do ensino regular [manuscrito] : uma perspectiva socioeducacional  
inclusiva / Robson Silva Ribeiro. - 2014.  
23 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Jailto Luis Chaves de Lima Filho, Departamento  
de Letras".

1. Alunos Surdos. 2. Metodologia de Ensino. 3. Inclusão  
social. I. Título.

21. ed. CDD 370.115

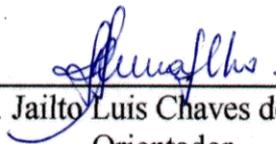
ROBSON SILVA RIBEIRO

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUAS A ALUNOS SURDOS  
DO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCACIONAL  
INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

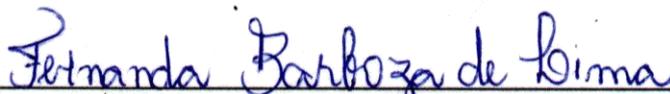
Artigo apresentado à banca examinadora em 11/07/2014.

**Banca examinadora**



---

Prof. Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho  
Orientador



---

Prof. Dr. Fernanda Barboza de Lima  
Membro de Banca



---

Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima  
Membro de Banca

# **DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUAS A ALUNOS SURDOS DO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCACIONAL INCLUSIVA**

## **RESUMO**

A educação de surdos é um tema que vem causando grande discussão, e indagações sobre qual a forma eficaz de ensino e aprendizagem para eles, levando em consideração os tópicos de diversidade e inclusão que possibilitam aos surdos o ensino e aprendizagem de outras culturas, línguas, costumes, tendo como base a Libras e o bilinguismo. O bilinguismo é o método de ensino predominante no Brasil que traz a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda (L2). Faremos também, uma abordagem, acerca de como se dá o ensino de Língua Estrangeira (LE) aos alunos pertencentes à comunidade Surda. Trataremos do processo de educação com base em algumas propostas de inclusão que oferecem novos meios de ensino e melhor aprendizagem aos surdos, tendo como suporte teórico os estudos de Quadros (1997), Strobel (2009), Rodrigues (2006), Perlin (2004). Destacaremos, ainda, tópicos como a cultura Surda e a formação dos professores, que nos levarão a conhecer o contexto que envolve a língua de sinais, (LIBRAS) e como vem sendo desenvolvido o trabalho do professor no ensino regular, quando se trata da inclusão desses alunos. Para isso, optou-se pela aplicação de um questionário aos alunos surdos da FUNAD em João Pessoa - PB, dos quais obtivemos argumentos dos seis participantes acerca do processo de ensino, que contribuíram e confirmaram nossas hipóteses sobre as dificuldades e necessidades que surgem nesse processo de ensino e aprendizagem de línguas voltada para a comunidade Surda. Mas que não os tornam incapazes de aprenderem.

Palavras-chave: Alunos Surdos; Ensino e Aprendizagem; Inclusão Social.

## INTRODUÇÃO

Apesar das abrangentes discussões sobre inclusão e diversidade e do espaço que estes vêm ganhando nos debates sobre novas práticas de ensino e aprendizagem de pessoas surdas, a forma como esse plano de ensino vem sendo desenvolvido nem sempre alcança resultados promissores. Notamos que são necessárias algumas mudanças e adaptações no plano pedagógico, a fim de possibilitar novas técnicas educacionais e oportunidades a esses alunos, bem como oferecer novas práticas e/ou meios que abordem e facilitem o processo de ensino e aprendizagem, com o propósito de introduzir também o ensino de línguas estrangeiras aos mesmos, seja na escola comum ou especial, pública ou privada.

Com o início da inclusão, passamos a perceber que no âmbito educacional estão sendo desenvolvidos estudos e novas práticas que possibilitam o ensino de línguas para surdos. Há aproximadamente dois séculos vem se discutindo sobre a educação escolar de pessoas surdas e, atualmente, vêm se desenvolvendo novas práticas e mudanças pedagógicas com o intuito de oferecer uma boa educação para eles. Uma das primeiras coisas a ser feita é trabalhar em parceria com a Libras e com o português, ou seja, manter a proposta de ensino através do bilinguismo que é o ensino por meio da Libras e da língua portuguesa, proporcionando melhor entendimento e facilidade no ensino e aprendizado. Moraes (2011) confirma que “a principal proposta de ensino para surdos no Brasil mantém como principal objetivo a perspectiva bilíngue, trazendo a Libras como primeira língua e o português como segunda língua”, levando em consideração não só a língua portuguesa, que para os surdos é vista ou tida como uma língua estrangeira, mas o ensino de outras línguas, como: inglês, espanhol etc.

O processo de aquisição de uma segunda língua aos alunos surdos é regado de muitas dificuldades, pois muitos alunos não têm acesso sequer a Libras (sua primeira língua), tendo seu primeiro contato na escola onde é alternado com a presença da língua portuguesa, a qual será considerada sua segunda língua e posteriormente terá o suposto ensino da língua estrangeira (LE). A formação dos professores está entre as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem dos alunos surdos, seguida pela falta de programas, planejamento, recursos, qualificação ou incentivos aos professores, que tornam esses processos cada vez mais difíceis de concretizar. Rodrigues (2006 apud ANGOTTI et al., p. 65) comenta sobre a falta de desenvolvimento de um compromisso ético, em prol da qualidade social da educação proveniente da formação desses profissionais. O mesmo entende que:

A discussão no campo da formação de professores volta-se para a superação da formação fragmentada, insuficiente, cujos resultados, pela falta de domínio tanto dos conteúdos básicos como dos específicos, deixam comprometidos o exercício das funções que especificam o trabalho do professor e o processo de socialização dos conhecimentos produzidos nas diferentes realidades, níveis de ensino e unidade escolar. (RODRIGUES, 2006, p. 59)

As escolas devem adotar sistemas que revolucionem as práticas tradicionais da formação docente e de ensino, e buscar uma integração que atenda à diversidade do alunado, com base na inclusão, que contemplem ou introduzam o campo da educação especial (EE), possibilitando novos rumos, como o ensino de línguas estrangeiras, que é também um direito dos surdos. Sobre isso, Rosa (2009) nos diz: “Conhecer uma língua estrangeira (LE) e ter condições de utilizar outro sistema linguístico é também direito do cidadão surdo, uma vez que, em sua formação acadêmica e profissional, será exposto a situações em que tal saber é exigido”. Uma das propostas dessa análise é entender as dificuldades desses indivíduos no âmbito escolar, social, cultural, e mostrar novos caminhos que poderão ajudá-los, levando em consideração, como já foi citado, que no Brasil a principal proposta educacional para surdos tem como base o bilinguismo.

O processo educacional com base no bilinguismo visa como vemos na fala de Alvez (2010), “capacitar os alunos portadores de surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e no meio social: língua de sinais e língua da comunidade ouvinte”, com o intuito de priorizar a língua natural e construir uma ponte de interação com o português, proporcionando melhor envolvimento e suprimindo as necessidades desses alunos. Pois, estes não podem ser vistos como meros coitadinhos ou incapazes de realizar ações perceptíveis apenas aos ouvintes.

Na abordagem bilíngue, a Libras e a Língua Portuguesa em suas variantes de uso padrão, quando ensinadas no âmbito escolar, são deslocadas seus lugares especificamente linguísticos e devem ser tomadas em seus componentes histórico-culturais, textual e pragmático, além de seus aspectos formais, envolvendo a fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica. Fazendo com que a Libras não seja trabalhada separadamente, uma vez que a mesma possui um sistema linguístico com características e status próprio. (ALVEZ, 2010, p. 8)

Com base numa perspectiva de inclusão, procuramos mostrar que, consoante com o bilinguismo, a Libras não deve ser trabalhada separadamente, pois ela possui um sistema linguístico com características e status próprio, que fará com que as pessoas com surdez sejam capazes de aprender e se expressar em uma ou mais línguas. Mostraremos que a aquisição e aprendizagem da língua estrangeira (LE) são possíveis e que estes estão aptos a participar de

ambientes escolares comuns, que desafiem seus pensamentos, e sua capacidade perceptivo-cognitiva, garantindo assim a sua formação que é por lei um direito de todos.

De acordo com o decreto 5.626, de 5 de dezembro de 2005:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

Nesse sentido, entendemos que além do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa é preciso apresentar aos alunos surdos novos meios, novas linguagens e culturas, a fim de torná-los cada vez mais inclusos no meio social, capaz de prepará-los para o mundo, para a vida, possam interagir de acordo com as situações a que forem expostos, e tenham conhecimento sobre outras culturas, línguas. É fundamental que, antes, tenhamos conhecimento de cultura surda, dos aspectos linguísticos de sua língua, e que possamos trazer a Libras para o contexto escolar, o que lhes proporcionará um leque de oportunidades.

Para que tenhamos uma participação ativa desses educandos em sala de aula, precisamos adaptar os métodos de ensino e a formação dos professores com base na inclusão, de modo a oferecer novas possibilidades de aprendizagem e interação, bem como, transformações nas práticas tradicionais e mudanças nos locais, salas de ensino utilizadas pelos professores, a fim de obtermos melhores resultados dessa aprendizagem, participação cooperativa entre professor, aluno, comunidade escolar e extraescolar.

## **1 A EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS: UM PROCESSO EM CRESCIMENTO**

Podemos dizer que nascemos com um grau de letramento, ainda que este seja pouco e que com o passar do tempo iremos adquirir os mecanismos de ensino e aprendizagem que nos tornarão seres pensantes, capazes de se posicionar e debater ou defender nossos ideais. De modo geral, o processo de alfabetização de crianças difere dos adultos, uma vez que os adultos já possuem uma carga de conhecimentos adquiridos com a vivência, com o tempo.

Podemos dizer também que todo indivíduo tem direito à educação, direito a frequentar a escola e participar de todas as atividades na sociedade. No entanto, se tratando de pessoas especiais que possuem algum tipo de deficiência ou incapacidade, percebemos que esse processo de educação ainda enfrenta diversos conflitos. Porém, vem-se a cada dia tentando solucionar esse problema, com investimento na formação e capacitação de professores, em recursos e salas de aulas adequadas, e mudança no plano pedagógico, é necessário, como diz

Rodrigues (2006), “realizar ajustes curriculares de acordo com os diferentes enfoques e necessidades operativas assumidas, com ênfase na proposta de uma educação inclusiva”. Com ênfase ainda nessa questão, o autor conclui que “tais ajustes têm por objetivo dotar os futuros profissionais dos elementos teóricos, metodológicos e técnicos necessários ao desenvolvimento de uma prática educacional exitosa”. (Rodrigues, 2006, p. 36) Espera-se que o sistema escolar ou as práticas de ensino dos professores adequem-se às necessidades dos alunos, proporcionando-lhes um ambiente escolar e salas de aula adequadas, com recursos técnicos e humanos.

Com foco na educação de pessoas surdas faz-se obrigatório à implantação de processos de inclusão educativa, criando procedimentos didáticos específicos para o desenvolvimento das atividades docente.

Concordamos com Oliveira (2003, pp. 1-2) quando nos diz:

[...] notamos algumas impropriedades que vêm sendo cometidas na forma de compreender e interpretar como se daria a formação de professores nesse novo contexto. Falar de uma educação inclusiva que pressupõe, entre outras, a inserção de alunos com deficiência em classes comuns do ensino regular, é falar de uma pedagogia de suporte para que as diferenças não sejam meros pretextos para a não-aprendizagem. Assim, formar professores competentes e qualificados pode ser o alicerce para que se garanta o desenvolvimento das potencialidades máximas de TODOS os alunos, entre eles os com deficiência.

Muito vem sendo discutido sobre inclusão, diversidade e direitos que são atribuídos aos surdos ou às pessoas portadoras de alguma deficiência no âmbito educacional, pois, é comum a presença desses em sala de aula, e vêm sendo elaborados meios que os tornem cada vez mais íntegros nas aulas e tenham mais oportunidades de se tornarem cidadãos ativos e\ou participantes da sociedade. E para isso o movimento inclusivista vem desenvolvendo estudos e práticas que abordam não só o ensino da Libras e da língua portuguesa, como também, a possibilidade de ensino e aquisição da língua estrangeira (LE).

conhecer uma língua estrangeira (LE) e ter condições de utilizar outro sistema linguístico é também um direito do cidadão surdo, uma vez que, em sua formação acadêmica e profissional, será exposto a situações em que tal saber é exigido. (ROSA, 2009)

Sabemos que no Brasil a principal expectativa de ensino é com base no bilinguismo, tendo a Libras como primeira e a língua portuguesa como segunda língua.

O bilinguismo é caracterizado da seguinte forma:

O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilingüismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFIELD,1997, p. 38)

Embora que ainda não tenhamos desenvolvido meios que priorizem o ensino de línguas aos surdos, ficando esta em último plano, acreditamos que o ensino da mesma deve ser implantado no *curriculum*, a fim de tornar o sujeito surdo familiarizado com essas línguas, e também conheçam outras culturas ampliando seus horizontes, possibilitando ao surdo, afirmado por Rosa (2009), “compreender o discurso de um falante de uma língua estrangeira é inserir-se num contexto global, participando de um grupo de sujeitos que compartilham experiências e conhecimentos, utilizando-se de um dado sistema linguístico”. A língua de sinais possui seu próprio sistema linguístico e estrutura, e deve, portanto ser compreendida.

No Brasil, a língua de sinais é oficial como língua de uso dos surdos, garantida pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002 e vem sendo adotada em quase todos os estados brasileiros, tornando-se oficial.

A eficácia do aprendizado da língua inglesa aos alunos surdos é resultado das práticas adotadas pelos professores de língua estrangeira. Tendo estes suas limitações, sabe-se que os métodos adotados para o ensino aos surdos serão diferentes daqueles empregados para ouvintes. Pois, como eles não ouvem e conseqüentemente não conhecem os sons das letras, fonemas e sílabas, o educador deve pensar em meios que possam suprir esse fato e buscar outros que compensem a falta de audição e facilitem o ensino. Ou seja, os alunos surdos são muito visuais, a utilização de figuras ou imagens é um dos principais métodos a serem utilizados pelos professores, pois, facilita o processo de aprendizagem. Rodrigues (2006) comenta que “o aluno vai associar a imagem da palavra escrita à imagem do objeto\palavra em questão”, levando em consideração também sua contextualização.

De modo geral, parece quase impossível o aprendizado de uma língua estrangeira por pessoas surdas, a visão crítica da sociedade determina que esses são incapazes de aprender, sem ao menos conhecerem a fundo suas capacidades; vale ressaltar que pessoas surdas são tão totalmente capazes de desempenhar atividades supostamente feitas apenas por ouvintes, tão bem quanto os mesmos.

Outro fator que pode ser aproveitado pelos professores é a utilização de softwares educacionais. Sendo esses alunos visuais, eles manipulam muito bem ambientes gráficos, e garantem melhor interação dos mesmos com os demais.

É de suma importância que o professor tenha conhecimento da situação do aluno e que o mesmo saiba o conceito de surdo e não confunda surdez com deficiência mental. No dicionário escolar da academia brasileira de letras, temos como conceito de surdez “s.f. 1. Condição de surdo. 2. Perda parcial ou total da audição”. (BECHARA, 2011, p. 1213). Podemos notar que a perda da audição é uma condição que não torna o surdo incapaz de aprender outras línguas ou desempenhar atividades “exclusivas dos ouvintes”, como: estudar, trabalhar, viajar, ter uma família etc. Já a deficiência mental é definida como mostra a Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto nº 3.956/2001, que no seu artigo 1ª define deficiência como [...] “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”.

Para que esse processo de ensino obtenha bons resultados, não se pode esquecer ou abrir mão da língua brasileira de sinais (LIBRAS) que é a língua oficial dos surdos e é através dela que se faz possível o acesso a outras línguas, culturas, conhecimentos e aprendizagens, ou seja, com ela é possível uma comunicação ampla que gera conhecimento e aprendizagem. De acordo com Sacks (1990),

sem linguagem não somos seres humanos completos e, por isso, é preciso aceitar a natureza e não ir contra ela. Obrigado a falar, algo que não lhes é natural, os surdos não são expostos suficientemente à linguagem e estão condenados ao isolamento e à incapacidade de formar sua identidade cultural.

Com isso, deve haver uma mútua inclusão, tanto do professor quanto do aluno, um por fazer parte de um ambiente pertencente a pessoas “diferentes” dele e o outro por saber permutar entre esses dois mundos ao mesmo tempo, o do ouvinte e do surdo.

No Brasil, o surdo tem como L2 uma língua oral-auditiva, ou seja, a língua portuguesa, que, segundo Quadros (1997), “ocorre assim para que esse sujeito tenha acesso à língua de sinais como L1”. A língua escrita passa a ser então sua segunda língua.

Sabemos que muitos surdos não têm acesso à escola, ou que, os que têm, geralmente o tiveram tardiamente, embora venha sendo mudado e se tornando mais flexível o acesso à escolarização para estes, e ainda que, estando em sala, os mesmos sejam tratados ou ensinados da mesma forma que os ouvintes, sem uma condição que facilite seu aprendizado ou interação, ficando evidente a diferença do nível de aprendizado dos ouvintes em relação a eles.

Dentre as medidas que deverão ser tomadas a fim de obter bons resultados no desenvolvimento da língua inglesa e das habilidades necessárias para um método de ensino

eficaz, e de como contribuir com esse processo, Moraes (2011 apud FLEMING), “destaca ser importante que o professor de inglês seja proficiente na língua de sinais e conheça as armadilhas possíveis de serem encontradas pelos alunos quando aprendendo uma língua oral-auditiva.” Reconhecendo as necessidades dos surdos os professores podem adaptar seus métodos pensando também no aprendizado destes. No entanto, como alguns pesquisadores já frisaram em comparação aos métodos de ensino ou à linguagem dos surdos, acreditam que, em acordo com os relatos de Moraes (2011), “pouquíssimo é feito pelo desenvolvimento da linguagem, visto que pais, professores e autoridades não levam em consideração as necessidades dos surdos”.

Esses e outros aspectos afetam a formação dos surdos, ainda que disponham de intérpretes, que são fundamentais para fazerem a tradução dos termos usados pelo professor e também do aluno para o professor, professores estes que não tiveram uma formação com base ou preparo para trabalhar com surdos durante sua graduação e\ou não tiveram cursos de formação e especialização.

Sabemos que existem leis que garantem não apenas direito à educação aos surdos, mas também, outras que lhe são correlatas e lhes confere outros serviços e\ou acessibilidades. A lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000, garante acessibilidade aos surdos no que se refere aos meios essenciais de participação social. Como explica o Artigo 17 dessa lei, o Poder Público deverá promover a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecer mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação para garantir o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. Essa mesma lei, no Artigo 18, cita que: “o poder público deverá implementar a formação de profissionais intérpretes de língua de sinais para facilitar qualquer tipo de comunicação direta ao surdo”.

O papel do interprete é de grande ajuda no processo de ensino dos surdos e deve ser destacado, pois é através desse que há a interação do surdo em sala de aula; ele faz o intercâmbio entre o surdo e o professor, e entre os alunos, possibilitando a troca de informações e ajudando no ensino e aprendizado dos surdos.

É fundamental que haja inclusão nas escolas e que as mesmas se preparem para receber e oferecer aos alunos surdos aulas com conteúdos ministrados em língua de sinais, em concordância com Perlin e Strobel (2006), através de recursos visuais, língua portuguesa escrita e leitura, pode-se desenvolver nos alunos uma memória visual e hábitos visuais.

É importante também que os professores sejam conhecedores da língua de sinais e que esses alunos tenham acompanhamento de intérpretes de Libras em suas aulas.

Faz-se necessário um trabalho mútuo, em que todos os membros da escola se prontifiquem a ajudar o outro nesse processo. Perlin e Strobel (2006 apud SKLIAR) dizem:

Nesse sentido, a escola democrática é aquela que se prepara para atender cada um de seus alunos. Se ela não tem condições de fazer esse atendimento, o professor precisa entrar em contato com os órgãos competentes e discutir o tema. Como responsável por vários cursos de Libras e de intérpretes, entendo que a formação de professores para atender a alunos surdos depende da convivência com a comunidade surda, a aprendizagem da língua de sinais e o estudo de uma pedagogia ampla.

Esse é o procedimento que deve ser adotado nas escolas e pelos membros que a compõem, tendo como base conhecimento e aprendizagem da língua de sinais, planos pedagógicos que abordem a identidade e os aspectos culturais da comunidade surda, levando e estimulando os professores a aprenderem Libras e a adaptarem seus métodos de ensino de acordo com as necessidades desses, tornando o sujeito surdo incluso e respeitando as diferenças.

## **2 ACERCA DA CULTURA SURDA**

Todos ao nascer estão de fato incluídos em uma cultura. É através dela que reconhecemos nossos costumes, hábitos, crenças, de nosso povo ou região. Mas, apesar de toda essa política de inclusão, os surdos se sentem inclusos ou continuam excluídos? É de grande importância o conhecimento cultural de determinado povo ou região, em todos os países, estados, cidades, regiões, comunidades, as quais têm em sua cultura particularidades. Esse conhecimento proporciona, antes que sejam feitas ou tiradas conclusões errôneas sobre tais, uma reflexão dos aspectos e dos acontecimentos pelos quais estas culturas passaram e dos fatores que a regem.

Muitas culturas são desvalorizadas, o preconceito ainda se faz presente em diversos fatores, sejam eles culturais, raciais, sexuais, regionais etc. Nas culturas de lugares pobres, em que a desigualdade sobressai, é notável a desvalorização das pessoas; muitas vezes nem se conhece a fundo sua história, e mesmo assim, se fazem julgamentos de que aquele povo, aquela cultura não presta. Falando sobre a cultura surda, esta sofre grande descaso; para muitos, sequer se deveria falar que existe uma cultura surda. No entanto, ela existe. E esta não é difícil de ser analisada e compreendida, pois vem conquistando seu espaço, sua inclusão e reconhecimento no meio social, dando sentido ao grupo. “As culturas são criadas em função

de cada grupo que nelas se insere”. (SÁ, 2006.). Apesar dos surdos serem considerados um grupo cultural minoritário, cercado pela grande massa da população ouvinte, em que a grande maioria é munida de preconceito e ignorância para com os surdos, querendo limitá-los a integrar a sociedade ouvinte. Estes vêm ganhando e conquistando seu espaço e sua valorização.

Os surdos possuem sua própria cultura, ainda que “submissos” à cultura predominante, ou seja, à camada “normalizadora” dos ouvintes. É comum em determinada sociedade a presença de várias subculturas, que são trazidas e muitas vezes enraizadas por povos de outras localidades que passam integrar a sociedade, mas que não abrem mão da cultura do seu povo. Strobel (2006, p.8) classifica o povo surdo como: “O conjunto de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço”. Essa sociedade passa a ser considerada multicultural. No site da enciclopédia Itaú Cultural, entende-se por multiculturalismo a seguinte definição: “Hibridismo, diversidade étnica e racial, novas identidades políticas e culturais”; estes são termos diretamente relacionados ao multiculturalismo. Devemos então, respeitar o multiculturalismo e garantir aos surdos direito e deveres, principalmente nas ações educacionais.

Mesmo sendo uma comunidade “pequena” os surdos não abrem mão de sua cultura, e vêm lutando a cada dia para que ela seja valorizada e incluída no contexto social, como legítima. Em “As imagens do outro sobre a cultura surda de Strobel,” notamos nos relatos os desafios de se viver em um mundo nem sempre acessível, marcado pela diferença, encontramos também nos relatos da pesquisadora surda Perlin (2004, p.80) as marcas dessa diferença, quando a mesma diz: “As narrativas surdas constantes à luz do dia estão cheias de exclusão, de opressão, de estereótipos”.

Tendo ultimamente ganhado um novo olhar, os estudos sobre os surdos e sua cultura vêm proporcionando uma nova visão sobre a surdez. Poderíamos usar a própria Karen Strobel, autora do livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, como um ícone de representação da comunidade surda como grupo cultural marcado por sua própria identidade. Apesar de ser surda conseguiu atingir um nível cultural e\ou educacional elevado.

Neves (2010, p. 151) defende em seus relatos que: “Longe de ser um grupo de pessoas marcado pela deficiência e pela ânsia de cura e normalização, hoje os surdos são pensados como um grupo identitário caracterizado por elementos próprios que marcam sua diferença”. Os mesmos fatos que os tornam diferentes dos demais povos ou culturas,

atribuem-lhes também o direito de terem a sua própria. Strobel (2009) define a cultura surda como:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. (...) Isso significa que abrange a Língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27)

Embora ainda haja muita discriminação e restrição dos ouvintes em aceitarem que os surdos podem fazer as mesmas coisas que eles, dentro das suas condições, estes vem traçando metas e mostrando argumentos que sustentam e mostram aspectos de sua cultura e identidade.

O principal aspecto cultural dos surdos é o reconhecimento da Libras como sua língua oficial, reconhecer que esta é a língua oficial de sua comunidade e os surdos defendem isso. Alguns autores reconhecem e comentam sobre, como nos diz Sá (2006): “o que é considerado ‘evidência básica’ para pertencer à comunidade surda é o uso da língua de sinais”.

Sendo a Libras um fator marcante da cultura surda, em que seu uso reforça esse aspecto cultural marcado pela expressão e manifestação de seus diretos de participantes ativos da sociedade ouvinte. Apesar do fato de estarem inseridos em meio à população ouvinte, muitos surdos não têm acesso nem conhecem sua própria cultura, não têm conhecimento da Libras. Isto faz com que estes tenham dificuldades em se expressar e comunicar entre si e\ou entre ouvintes, tornando-os dependentes aos ouvintes que muitas vezes não valorizam a cultura surda, ainda que esta possua características próprias.

### **3 DIFICULDADES DOCENTES NA SALA DE AULA COM ALUNOS SURDOS**

Muitos são os aportes que regem as normas para a formação do professor, oferecendo suporte e boas condições para que estes tenham uma formação de qualidade. No entanto, na prática nos deparamos com uma escassez dessa realidade, notamos muitos fatores que emergem do ambiente escolar, corrompendo o resultado esperado, principalmente nas escolas de rede pública de ensino, onde encontramos os principais descasos de investimentos e níveis altos de má qualificação, ensino e aprendizagem tanto dos alunos quanto professores.

Sobre a formação inicial, Rodrigues (2006 apud PIETRO, 2003, p. 2) diz que:

os sistemas de ensino deverão garantir o constante aprimoramento dos professores, proporcionando salários e jornada que lhes possibilite estudar por iniciativa própria, participar de cursos e demais atividades de formação, com vistas a que possa contribuir, efetivamente, para que a educação brasileira seja democrática e de qualidade para todos.

Em se tratando de ensino e formação de pessoas surdas, que frequentam as escolas regulares onde a grande massa é ouvinte, existe muito a ser feito para que se obtenha um grau elevado de aproveitamento e melhoramento educacional desses alunos, uma vez que, esses indivíduos tendem a se afastar do meio social, se isolam e não têm oportunidade de interagir. No entanto, esse quadro vem sendo revertido, apesar das dificuldades, os planos governamentais de ensino vêm implantando métodos inclusivistas que oferecem aos surdos meios de adentrar no meio escolar e social com mais facilidade. Porém, é necessário o apoio e incentivo dos pais, tanto para procurar meios de levar seu filho a integrar a sociedade e tudo que nela a ele for permitido, como, aprender a lidar com a “limitação” do seu filho, de modo a que ambos possam ter melhor relação e saibam se comunicar.

É comum a presença de pessoas surdas nas salas de aulas, onde a maioria dos alunos é de ouvintes, uma vez que estes não têm ainda um espaço destinado a eles, com o propósito de atenderem suas necessidades, onde possam aprender a Libras e posteriormente outras línguas. As crianças surdas não nascem sabendo Libras, elas precisam ser ensinadas e, quanto antes for esse contato com sua língua, mais fácil será o envolvimento e facilidade em aprender, em se comunicar, tanto entre si, quanto com ouvintes que tenham conhecimento da mesma. Os surdos que não frequentam as escolas tendem a ser limitados e desenvolverem apenas alguns sinais ou códigos gestuais de comunicação estabelecidos no meio familiar, tendo assim uma “comunicação” estabelecida por gestos para pedir ou mostrar alguma coisa de que o sujeito surdo esteja precisando no momento, mas, essa comunicação é difícil, pois nem o surdo nem os parentes sabem Libras, o que seria bem mais fácil se ambos soubessem.

Cabe ao governo oferecer capacitação específica de acordo com a necessidade da Educação Especial (EE) a ser desenvolvida em sala de aula. No ano de 1996, com a nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a lei confirma com a Constituição Brasileira a educação de surdos. A nova LDB tem algumas inovações que permitem indicar melhores perspectivas governamentais e legislativas para a educação de surdos. Nesta há um capítulo dedicado à inclusão, bem como às escolas de surdos.

A formação especializada em EE pode, também, ocorrer desde a formação inicial, como modalidade própria. Este tipo de formação, diferenciada de um curso de pedagogia, mas equivalente ao ensino de terceiro grau, não é comum na realidade brasileira. (RODRIGUES, 2006, p. 53).

A falta de incentivo e qualificação adequada na formação de alguns professores faz com que estes não tenham interesse em aprimorar seus métodos e tenham uma visão limitada sobre a capacidade dos surdos, vistos como incapazes de extrair algum conhecimento do que está sendo ensinado, e isso é exatamente o contrário, esses alunos são curiosos e interessados em aprender. Porém, é necessário que os professores atentem-se para o conhecimento de mundo que estes possuem e conheçam o espaço sociocultural destes, buscando novos saberes para adequá-los de acordo com a sua realidade e, assim, desenvolvam suas aulas pensando em métodos e no uso de *softwares* educacionais, ou seja, revejam suas práticas pedagógicas, criando um espaço de comunicação e interação amplo, possibilitando a interação com eles, que resulte em novas práticas de ensino e aprendizagem consistentes e produtivas para a educação desses alunos e os tornem inclusos nas aulas de aula, levando-os a criarem seus próprios conceitos e conhecimentos.

Em relação à função do professor, Martins (1982) diz:

[...] A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta [...].

Embora venha sendo discutido, ainda não foi solucionado esse problema e para que ocorra um aprendizado íntegro, deve-se estabelecer um comprometimento docente, em que o trabalho desenvolvido seja com base na inclusão em sala de aula. No entanto, para que haja melhor desempenho e bons resultados é primordial não só uma boa formação do professor, mas, que nossos representantes políticos invistam em salas de aulas adequadas, com estrutura e recursos que facilitem o acesso a essa empreitada, tais como: investimentos em materiais audiovisuais, salas computadorizadas, onde possam ser realizadas atividades em que esses alunos possam participar e obter melhor conhecimentos. Outros fatores como a implantação de cursos de aperfeiçoamentos em Libras, formação, qualificação, vêm sendo implantados, mas, ainda há muito a ser feito para que tais resultados sejam alcançados e quebrar as barreiras, tais como: o preconceito, a desigualdade e a falta de respeito.

Nesse contexto, em relação aos paradigmas da educação inclusiva notamos que a mesma é pautada:

Em uma concepção diferenciada de escola e aprendizagem, fundamentando sua prática pedagógica numa aprendizagem mediada. Como decorrência, algumas alterações significativas devem ocorrer na dinâmica da escola, na busca dessa nova consciência coletiva e, portanto, na formação de professores, inicial e continuada. (OLIVEIRA, 2003, p. 1)

Para garantir êxito no processo educacional de pessoas surdas ou com alguma necessidade especial é preciso que haja mudanças, reorganizações e adaptações dos planos e métodos pedagógicos bem como serem consideradas as condições, limitações desse grupo alvo, sua cultura, e a aceitação da Libras como sua língua oficial.

## **5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS**

A pesquisa foi realizada na FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência em parceria com a CODAPA – Coordenadoria de Atendimento a Pessoa com Deficiência Auditiva e do CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, na cidade de João Pessoa – PB. A abordagem desenvolvida é qualitativa, nos levando ao conhecimento e entendimento dos aspectos culturais, sociais, e das dificuldades enfrentadas pelos surdos no processo educacional.

O interesse da pesquisa se deu a partir da observação de como é realizado o processo de ensino aos surdos, a introdução e os métodos usados para o ensino de línguas, tendo como foco o ensino regular. Tivemos como base três alunos surdos matriculados na rede de ensino público regular na cidade de Lagoa de Dentro, alunos esses que têm acompanhamento clínico e aulas de Libras e língua portuguesa duas vezes por semana na FUNAD. Por ter contato com esses três surdos e por fazer curso básico de libras também oferecido pela FUNAD, destinado aos professores, alunos de graduação, e\ou demais profissionais que tenham interesse, uma vez que, todos os profissionais devem ter conhecimento, ainda que básico da libras, pois, estamos sujeitos a recebermos ou termos contato com um surdo, independente da profissão ou local de trabalho, decidimos então, por fazer essa análise.

Como Lagoa de Dentro possui apenas três surdos regularmente matriculados e participantes ativos na escola, optamos por fazer a aplicação do questionário nos dias em que os mesmos estavam na FUNAD, visto que, o número de alunos surdos é maior, no entanto, a pesquisa é com fundamento para o ensino regular. Contamos com um grupo constituído por 6 (seis) surdos, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 21 anos. Grupo aparentemente

pequeno em contraste a quantidade de alunos que comporta a Funad, mas que serviu de amostra e obtivemos os resultados esperados para nossa análise. Os participantes da pesquisa aparecem no quadro abaixo classificados com pseudônimos, por meio de prevenção da imagem dos mesmos.

Alunos participantes.

SUJEITO	IDADE	IDIOMA DESEJADO
ANTÔNIO	15	INGLÊS
JOÃO	21	INGLÊS
PEDRO	14	INGLÊS
GORETE	16	ÁRABE
MARIA	15	INGLÊS
ANA	18	INGLÊS

Fonte: (Pesquisa de campo, RIBEIRO, Robson Silva, 2014)

A realização do questionário ocorreu de 06\05\2014 a 17\06\2014 onde aplicamos o mesmo aos seis alunos surdos que estudam e têm atendimento na FUNAD, a fim de sabermos como é a participação deles nas aulas, quais os métodos que os professores usam nas aulas, se contribuem e facilitam no aprendizado, e se como eles se sentem perante a sociedade, e se há de fato inclusão. Outro foco do questionário é adentrarmos no ensino da língua inglesa, e se os mesmos têm interesse em aprenderem uma. Tivemos como suporte, o auxílio de professores e intérpretes da referida instituição na colheita das informações, respostas.

Com base nas respostas obtidas em cada questão, notamos suas dificuldades e suas posições ou pensamentos sobre cada ponto questionado, e que assim como os ouvintes eles tem posição formada e sentem ou sabem o que se passa ao seu redor. Inicialmente identificamos que eles têm dificuldades em se comunicar, tanto entre si (no meio surdo) quanto entre os ouvintes, em ambos os casos a dificuldade é decorrente do fato dos mesmos não saberem ou conhecerem a Libras, e relataram que é preciso que todos tenham um pouco de conhecimento da Libras, se não, é impossível à comunicação. Dentre os seis alunos, um é oralizado, ou seja, compreende a língua portuguesa oralmente, com a leitura labial e se comunica através do auxílio dos profissionais da fonoaudiologia, mas, que, mesmo assim, não são fluentes na fala.

Mesmo oralizado, sabendo falar, este comentou que sente dificuldade em se comunicar, e que, com os ouvintes que não têm conhecimento da Libras ele usa mais o

português, e com os surdos, usa a Libras, e afirmou que acha mais fácil a comunicação através da Libras.

Ao questionarmos sobre o ensino de língua estrangeira na escolar regular em que eles estudam, especificamente sobre o ensino da língua inglesa, houve variedade nas respostas. A maioria acha difícil a aprendizagem de uma língua estrangeira, Pedro, nos diz: “inglês é diferente, assim como português, aprendizagem difícil”, e também em Maria, “tenho dificuldade, realidade diferente”. Sabemos que para os surdos a língua portuguesa é considerada uma língua estrangeira e por isso ele pode ter feito tal comparação, já que estamos falando do ensino de LE. Mas, outros têm visão diferente, que podem aprender, são capazes, como Gorete, que relatou que “alguns amigos ensinam, sabem um pouco, sabendo Libras pode”, nesse relato notamos que, para ela, se o ensino for através da Libras é possível o aprendizado. No entanto, percebemos que há dificuldades, mesmo com ajuda, como na fala de João, em que ele diz: “difícil, mesmo com intérprete”. Todos os alunos dispõem de intérpretes em suas aulas, mas percebemos mesmo com ajuda dos intérpretes que é difícil para esses alunos a comunicação e aprendizagem, no entanto, não é impossível. Dos seis entrevistados, um não concorda que seja possível esse aprendizado, ou devido a tantas barreiras porque passa se sente desestimulado. Disse Antônio: “não, porque é diferente, outro país”.

Todos concordaram que os professores que têm conhecimento da Libras tornam mais fácil a comunicação e interação em sala de aula, fazendo com que a aula seja mais participativa e dinâmica.

Faz parte da grade escolar o ensino de língua inglesa na escola regular, perguntamos como eram essas aulas, se eles sabiam ou tinham interesse em aprenderem uma língua estrangeira e qual língua? Em resposta à questão, todos responderam que estudam inglês no ensino regular, e que acham difícil. Argumentaram que o professor faz a tradução do inglês para português e depois em Libras. Alguns falaram que fazem uso do dicionário para traduzir para o português e fazem pesquisa em casa na internet. Constatamos isso no argumento de Gorete: “o professor faz a tradução do inglês para o português para inglês e depois em Libras, muito difícil, mas é preciso aprender”. Notamos também o desejo de aprender e o quão eles são convictos da dificuldade, mas não se deixam vencer. A mesma ainda continuou: “os intérpretes ajudam nas disciplinas de inglês, ciências, história etc.”.

Os seis participantes disseram ter interesse em aprender uma língua estrangeira, cinco deles afirmaram que queriam aprender a Língua Inglesa e Gorete disse ter interesse em aprender Árabe, pois gosta de livros de história e conhece um pouco da cultura e costumes

árabes. Fica claro nesse relato o que muitos autores já discutem: que aprender uma língua estrangeira é conhecer sua cultura, costumes e vivenciar essa nova realidade.

Talvez seja por isso que nós precisamos conhecer mais sobre a cultura surda, seus costumes, hábitos, e adentrarmos esse meio, quebrando um pouco dessa barreira que nos “distingue” tanto da comunidade. Assim como qualquer outro povo, estes merecem ser reconhecidos e respeitados.

Sobre essa questão, perguntamos como era o respeito para com eles na escola ou no meio social, se eles se sentiam de fato incluídos perante a grande massa ouvinte. Nas respostas notamos que existe muita discriminação, falta de respeito e incompreensão para com eles, principalmente no meio escolar, e que eles clamam por um mundo mais justo.

A maioria diz que no colégio são vistos com maus olhos, como “estranhos, diferentes”; na fala de Antônio, percebemos isso quando ele diz: “não há respeito, há desprezo, não tem comunicação, me sinto sozinho, isolado, na sociedade há melhor interação”, confirma. Percebemos o quão difícil é para os surdos conviverem em meio a uma sociedade que se diz democrata, regada de tanto preconceito.

Dentre as outras respostas obtidas, eles afirmaram que apenas em família é que existe o respeito, um deles foi João, dizendo: “tem, família tem respeito, às vezes tem algum que bagunça”, no entanto outros demonstram uma opinião mais crítica, e inconformada, pois percebe que as pessoas ou algumas delas são: “tudo falso, fingido, só tenho um amigo, afirmou Ana”. Notamos que esse respeito, existe em maior escala nos grupos de amigos ou família dos mesmos, que as pessoas são omissas, em concordância com Gorete, isso fica explícito em sua fala: “alguns não têm educação, alguns não respeitam, alguns conversam e respeitam, no estudo, grupos de amigos respeitam”.

Com os relatos obtidos em respostas, as perguntas do questionário aplicado, notamos que a língua de sinais é de extrema importância para o ensino, aprendizagem, comunicação, interação etc., das pessoas surdas, e que esse aprendizado se torna mais fácil se houver a participação e colaboração de todos, bem como o interesse dos ouvintes e professores em interagir com a comunidade surda em aprenderem sua língua para que possam desenvolver meios de ensino que se adequem à especificidade de cada aluno. Torna-se essencial que professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo do aluno surdo tenham conhecimento e certeza quanto à comunicação e à linguagem surda. Dando-lhes mais condições e incentivo em busca de suas realizações e conquistas, tornando-os iguais perante todos, como de fato devem ser tratados, com respeito e educação de qualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através da Libras (Língua Brasileira de Sinais), que tem características próprias como as demais línguas, que é concedido ao sujeito surdo meios de interagir na sociedade e de ter uma vida comum, exercendo suas atividades e assumindo suas obrigações e deveres como cidadãos, tendo liberdade de comunicação e expressão entre os ouvintes, com seus próprios aspectos culturais e linguísticos.

Cabe a nós mudarmos nossos pensamentos e aos líderes educacionais, juntamente com os representantes políticos, criarem meios de tornar os surdos cada vez mais inclusos na sociedade. Como algumas medidas já foram criadas, estas precisam então ser analisadas e verificar em que ou o que precisa ser mudado, incrementando novas ideias e tecnologias que favoreçam o processo de vida, educação e socialização dos surdos. É fundamental aos surdos uma metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada e em que predomine a linguagem visual, bem como, que esses fossem consultados antes, a respeito de suas necessidades, para que os novos materiais de ensino fossem feitos sob essa base.

Através dos resultados e do desenvolvimento da pesquisa, pudemos identificar que os surdos têm não só interesse como são capazes de realizar tarefas que seriam “normais” à população ouvinte e percebemos que eles têm interesse em interagir, em conhecer outras línguas, culturas, e não pretendem ficar presos ou isolados num mundo criado pela imaginação dos ouvintes.

Apesar dos relatos feitos nessa pesquisa, da confirmação dos dados e reconhecimentos das dificuldades encontradas no processo de ensino dos surdos, constatamos que os mesmos são capazes de aprender e desenvolver conhecimentos sobre o que lhe é ensinado, mas, é primordial que os professores mudem suas práticas e busquem um processo dinâmico. Tal como diz Rodrigues (2006 apud MIZUKAMI et al., 2002, p. 175)

As mudanças que os professores precisam realizar de forma a contemplar novas exigências sociais e de políticas públicas vão além de aprender novas técnicas, implicando revisões conceituais do processo educacional e instrucional e da própria prática.

O reconhecimento dessa mudança é o primeiro passo para se chegar ao sucesso dessa prática.

Como as pesquisas ou iniciativas de melhoramento e\ou entendimento das questões que possibilitam melhorias de vida ao surdo e uma visão reflexiva sobre eles, sobre sua cultura, hábitos, língua, ainda não atingiu um nível satisfatório nos resultados, nem o

entendimento dos nossos representantes que pouco levam em consideração, esperamos uma ampliação nessa linha de pesquisa a fim de obtermos resultados positivos acerca da população surda e proporcionar melhorias de vida, ensino, aprendizagem, condições que são possíveis com base em uma perspectiva educacional inclusiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVEZ, Carla Barbosa. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: Abordagem bilíngue na escolarização de pessoas surdas.** Brasília: Ministério da Educação Especial; Fortaleza: UFC, 2010. V.4 (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar)

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm) Acesso em: 03\07\2014

BECHARA, Evanildo C. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa / Evanildo Bechara (organizador).** – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

GOMES, Adriana L. Limaverde. **Atendimento educacional especializado: deficiência mental.** Brasília DF: 2007. P. 14. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae\\_d\\_m.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_d_m.pdf) Acesso em: 03\07\2014

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei nº 9394/96)

<http://www.rebidia.org.br/noticias/educacao/direduc.html> Acesso em: 01\07\2014

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

<http://www.presidencia.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 03\07\2014.

Lei nº10.098, de 19 de Dezembro de 2000. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf> Acesso em: 03\07\2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura / Maria Helena Martins.** São Paulo: Brasiliense, 2006. -- (coleção primeiros passos, 138)

MORAES, Antonio Henrique Coutelo de. Uma experiência de ensino de inglês para surdos: novas possibilidades de aquisição de fluência. Pernambuco: UNICAP, 2011. (comunicação oral).

NEVES, Gabriele Vieira. **As Margens do outro sobre a cultura surda.** Conjectura, Gabriele Vieira Neves, v. 15, n. I, jan./abr. 2010. (Resenha)

OLIVEIRA, Anna Augusta S. **Formação de professores em educação especial: o impasse das políticas públicas.** CD-Rom. Unesp/Pró-Reitoria de Graduação. VII CEPFE, Águas de Lindóia, 2003.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação,** Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. FLORIANÓPOLIS: UFSC, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. – Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva** \ David Rodrigues (org.). – São Paulo: Summus, 2006.

ROSA, Suely Pereira da Silva; OELOU, Cristina Maria Carvalho; OLIVEIRA, Eloisa da Silva Gomes de et. all. **Educação inclusiva**. Curitiba: IESDE Brasil AS, 2009. In: Ribeiro, Marília de Fátima Cordeiro; SANTO, Wladia Felix Espirito. **Libras: língua materna do surdo brasileiro**.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação dos surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. v. 1. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

STROBEL, Karin. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Dissertação de mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES / UFSC, 2006.

[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3186](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3186) Acesso em: 06/06/14.

**APÊNDICE**

**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUAS A ALUNOS SURDOS  
DO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCACIONAL  
INCLUSIVA**

**QUESTIONÁRIO**

1. Você tem dificuldades para se comunicar com os ouvintes?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

2. Você concorda que através da libras, é possível manter melhor interação e/ou comunicação com os ouvintes?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

3. É possível ao surdo o desenvolvimento e aprendizagem da língua inglesa, tendo como base a língua brasileira de sinais?

Sim ( ) Não ( ) Talvez ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

4. Os professores que tem conhecimento das LIBRAS facilita na comunicação em sala de aula?

Sim ( ) Não ( ) Talvez ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

5. Você sabe ou tem interesse em aprender uma língua estrangeira?

Sim ( ) Qual? \_\_\_\_\_

Não ( ) Talvez ( ) Outros \_\_\_\_\_

6. Você acha fácil a metodologia usada pelo professor em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa?

Sim ( ) Não ( ) Outros \_\_\_\_\_

7. É comum o respeito e compreensão dos ouvintes para com vocês, seja na escola ou meio social?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_